



Trabalhos Científicos

Título: Sífilis Congênita: Ainda Uma Preocupante Realidade

Autores: NIVIA MARIA RODRIGUES ARRAIS (DPEDI/MATERNIDADE JANUÁRIO CICC/O/UFRN); CLAUDIA RODRIGUES SOUZA MAIA (DPEDI UFRN); LOUISE LEIROS FERREIRA SIQUEIRA (DPEDI/MEJC/UFRN); ANA CAROLINA GADELHA GONÇALVES (DPEDI/MEJC/UFRN); ANA FLAVIA DE MELO MAIA BEZERRA (MEJC/UFRN); ALANE DE FATIMA FERNANDES PEREIRA (MATERNIDADE JANUÁRIO CICC/O/UFRN); VIVIANE BORGES ARAÚJO (MATERNIDADE JANUÁRIO CICC/O/UFRN); LANNA MARIA CRUZ AZEVEDO (MATERNIDADE JANUÁRIO CICC/O/UFRN); MARIA DAS GRAÇAS PINTO (MATERNIDADE JANUÁRIO CICC/O)

Resumo: INTRODUÇÃO: Há mais de 500 anos, a sífilis foi descrita como quadro patológico, e desde então, são estudadas estratégias de controle epidemiológico. No Brasil, ainda se comporta como uma doença em ascensão, sendo a Sífilis Congênita (SC) um grave problema de saúde pública. OBJETIVOS: - Descrever o perfil e estimar a incidência da SC em recém-nascidos (RN) admitidos na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN). - Identificar variáveis de gravidade nestes RN comparando os grupos com pré-natal adequado (? 6 consultas) e inadequado (< 6 consultas). MÉTODO: Trabalho retrospectivo utilizando banco de dados do período de Janeiro/2011 a Julho/2012. Foram analisados peso ao nascer, tipo de parto, idade gestacional e apgar. As variáveis indicativas de gravidade como a necessidade de ventilação pulmonar mecânica (VPM) e de reanimação em sala de parto, tempo de permanência em UTIN, colestase e alterações ósseas foram comparados entre os 2 grupos de pré-natal sendo utilizado o método estatístico STATISTIXL V.1.6. RESULTADOS: Foram registrados 6.604 nascidos vivos e 103 tiveram diagnóstico de SC, representando uma incidência de 1,56%, sendo 24 (23%) admitidos na UTIN, com permanência média de 20 dias e 4 óbitos. Dentre as admissões, 10 (41%) nasceram de parto cesariano, 11 (45%) foram prematuros, 6 (25%) pesaram menos que 1.500g, 7 (29%) tiveram apgar menor que 5 no primeiro minuto, e 12 (50%) necessitaram de reanimação. Na UTIN, 12 (24%) necessitaram de VPM, 16 (66%) apresentaram icterícia, com colestase em 37% e 20% tiveram alterações ósseas. Realizaram pré-natal 75% das genitoras, mas apenas 22% destas realizaram mais de 6 consultas. Não se constatou diferença estatisticamente significativa nas variáveis analisadas nos 2 grupos. CONCLUSÕES: Podemos concluir que mesmo no grupo com o número de consultas recomendadas, o pré-natal não possibilitou diagnóstico e tratamento adequados para o binômio mãe-RN, e por consequência não se observou redução do número e da gravidade dos casos de SC. Esta situação deve estar associada à deficiência na atenção primária. Faz-se necessário implementar as medidas apropriadas, visando a melhoria da assistência a gestante para a redução de casos de SC.